



## Como fazer falar a angústia do cientista? Oppenheimer encontra a psicanálise

Lia Silveira

Oppenheimer está para a angústia do cientista, assim como Hans está para a fobia, como um caso que nos instrui. Como Lacan afirma na Terceira (1974), as crises do cientista são paradigmáticas para ilustrar que a angústia “é bem o sintoma típico de todo advento do real”.

O advento implica numa emergência do real que subsiste fora de simbolização, mas que afeta o corpo convocando uma nomeação. Segundo Soler (2016), esta emergência está em jogo tanto na ciência como na psicanálise: enquanto na primeira o advento se dá na passagem da matéria viva à letra das equações com as quais o cientista tenta dominar o real, na psicanálise, a matéria em questão é a substância gozante, deixada de fora pelo saber científico, mas que também se marca como letra de gozo.

No caso que exploramos aqui, o advento é o da bomba atômica, um artefato que mudou para sempre a relação do homem com a guerra, implicando doravante na possibilidade de varrer a vida humana da Terra. Mas, para além do advento científico, interessa-nos o advento sintomático em que Oppenheimer, depois de ter envidado todos os esforços para que o dispositivo tivesse sucesso, é tomando por uma angústia avassaladora após sua deflagração.

J. Robert Oppenheimer (1904 – 1967) nasceu em Nova York numa abastada família judia, primeiro filho de Ella, uma mãe rigorosa e fria, e Julius, um pai extremamente complacente. Quando nasce o primogênito, decidem nomeá-lo Robert, mas, ao registrá-lo, o pai antepõe seu próprio prenome, contradizendo a tradição dos judeus asquenazitas, segundo a qual não se devia dar a um bebê o nome de um parente vivo sob o risco de confundir o “anjo da morte”: no caso de falecimento do mais velho, este poderia levar o bebê por engano (BIRD & SHERWIN, 2023), (WACKRAT, 2013).



Aos 4 anos de idade, morre o filho mais novo, o que faz com que sua mãe se volte ainda mais para o primogênito de forma superprotetora, enquanto este responde com uma saúde frágil e uma postura introvertida que lhe valeu o apelido de “gracinha” entre os colegas. Aos 14 anos, escreve aos pais relatando experiências sexuais que tivera no acampamento da escola. O pai resolve reclamar com a direção e, quando os amigos ficam sabendo, vingam-se de Robert, aplicando-lhe uma surra extrema, à qual ele não revida. É assim que a marca da crueldade acompanha o pequeno Oppie, secretando as ficções com que virá a ser recoberto o furo no saber, do sexo e da morte, para esse sujeito.

Na adolescência sofre de colite, gagueira e profundos períodos depressivos alternados com momentos de um comportamento quase suicida. Na universidade, consumido por sentimentos de inadequação e ciúme, tenta envenenar um professor, situação que faz os pais decidirem levá-lo a um psicanalista. Na terceira tentativa, encontra um analista com quem, apesar de persistirem os sintomas, obtém alguns efeitos: sai de uma posição de inibição, envolve-se amorosamente e decide dedicar-se arduamente ao trabalho em torno da Física teórica.

Minha hipótese é de que este último tratamento foi pautado no reforçamento do Eu, consolidando a identificação com ideais cientificistas e de justiça social com os quais ele se torna imparável em seu projeto que culmina na criação da bomba atômica. Há aí, afóra a questão técnica, uma questão que é a do gozo do poder, triunfo do gozo fálico do qual a explosão da bomba é um avatar e diante da qual Oppenheimer teria recitado a frase do Bhagavad Gita: “Agora eu me torno a morte, a destruidora de mundos”. É aí que a angústia se apresenta para este sujeito como signo do advento do real.

Ao levar a cabo seu projeto de poder, Oppenheimer inscreve-se no cômputo daqueles que Freud (1916) chamou de “os arruinados pelo êxito”, fenômeno que só pode ser entendido quando consideramos que, subjacente à situação atual, está em jogo outra satisfação, inconsciente, que toca tendências julgadoras e punitivas, intimamente ligadas ao Édipo. Como denota o poema de



John Donne (1985) do qual Oppenheimer extrai, *Trinity*, o nome de seu protótipo (“Sova meu coração, Deus de trina pessoa”) é a um Pai amado que ele inconscientemente se dirige, tomando como referência o significante da crueldade que marca irrupção do gozo fálico.

O neurótico convoca o pai edípico como limite a um gozo temido, mas o que de fato se trata na angústia que comparece ao chegar tão perto desse “sucesso” é que o gozo fálico implica um limite interno à sua própria estrutura, aquilo que Lacan (1962-63, p. 193) no seminário da Angústia chama de “a hiância do desejo no gozo”. Trata-se da lacuna cavada pelo fato de que não-todo gozo pode ser simbolizável e da conseqüente queda do objeto como ponto irreduzível ao significante – furo da castração que o fantasma oppenheimeriano recobre com a consistência imaginária do pai que bate; ideal que, além do mais, suplanta totalmente a imagem do pai que ele tinha na realidade, fraco e alvo de chacotas.

Além disso, o surgimento da angústia também aponta para o fracasso da estratégia fantasmática na medida em que ela inscreve o Um, mas não diz nada que possa localizar o outro sexo (LACAN, 1972-73). Vale lembrar que é durante o experimento em Los Alamos que Oppenheimer recebe a notícia do suicídio de Jean Tatlock, a mulher que nunca deixou de amar, mas que trocou por aquela que elegeu como parceira sintoma: Kitty, a esposa voluntariosa e alcoólatra que aplica sobre ele exigências cruéis e implacáveis.

Para além da trama edípica, sugiro que *Trinity* possa ser lida como a trindade do nó R. S. I. que amarra a experiência de Oppenheimer articulando para esse falasser o corpo, a marca da morte e o gozo do Outro. Um gozo que ora surge como crueldade dirigida à destruição do semelhante, ora retorna sobre a própria pessoa, sob a forma de uma punição que ele não cessará de buscar, aceitando-a com a resignação. Por não ter tido tempo de “laiusar” (LACAN, 1973-74), Oppenheimer permanece escravo dessa lógica.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUMS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚSTIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

Seria preciso que a análise lhe tivesse permitido cernir algo acerca do objeto que foi para o Outro, passando também por sua própria experiência com o objeto enquanto causa, para extrair do gozo mais opaco o “suporte da verdadeira alteridade no centro do sujeito”, e que “é ao mesmo tempo seu verdadeiro nome próprio” como afirma Izcovich (2014, p. 214). Isso tem consequências no modo como cada um acessa o real, pois abre para um outro modo de saber se orientar na existência. Um saber que, como diz Lacan (1973, p. 315) acessa o real, e nisso “ele o determina, tanto quanto o saber da ciência”.

## Bibliografia

- BIRD, K., & SHERWIN, M. J. (2023). *Oppenheimer: o triunfo e a tragédia do Prometeu americano*. São Paulo: Intrínseca.
- DONNE, J. (1985). Soneto Sagrado XIV. Em J. DONNE, *Sonetos de Meditação*. Rio de Janeiro: Philoboblion.
- FREUD, S. (1916/2010). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. Em S. FREUD, *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 253-286). São Paulo: Companhia das letras.
- IZCOVICH, L. (2014). O desejo do analista e a diferença absoluta. *Heteridade Revista de psicanálise*, 11, pp. 212-217.
- LACAN, J. (1962-1963/2005). *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1964/1985). *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1972-73/1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1973/2003). Nota Italiana. Em J. LACAN, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1974/2022). A Terceira. Em J. LACAN, *Textos complementares ao Seminário 22 - RSI (1974-1975)* (pp. 35-72). São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.
- LACAN, J. (2022). *O Seminário, livro 22 : R. S. I. (1973-1974)*. São Paulo.
- SOLER, C. (2016). *Avènements du Réel, de l'angoisse au symptôme (Cours 2015-2016)*. Paris: Editions du Champ Lacanien.
- WAKRAT, A. C. (2013). *Ideologia e gerações em Aharon Megued - estudo sobre a personagem do imigrante judeu e o nativo de Israel no início do estado*. São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE